

# REORGANIZANDO ESPAÇOS, ATUANDO COM HISTÓRIAS PESSOAIS: CORPOS EM SUAS REALIDADES DISCURSIVAS E CO-DEPENDENTES

*Data de aceite: 01/08/2024*

### **Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque**

Mestrado em Letras: Cultura, Educação e  
Linguagens – PPGCEL/UESB  
Mestrado em Dança - PPGDan/EEFD/  
UFRJ  
<https://orcid.org/0000-0003-1540-0405>

Texto foi publicado anteriormente no e-book: *II Convocações em dança: conexões indisciplinadas na práxis profissional / Organizadoras Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque; Rousejanny Ferreira, Editora Bordô-Grená, 2023.*

**RESUMO:** O objetivo desse artigo é apresentar o quanto realidades e contextos não se diferem mesmo separados geograficamente, impregnados de informações diárias e fascinados pela imediatez contemporânea. Dessa mesma maneira em nossa realidade de artistas docentes, acabamos nos tornando coresponsáveis diante desse fetichismo de quereremos ser eficientes enquanto profissionais dessa área de conhecimento, assim nos precarizamos, porque corpo e ambiente são co-dependentes. Para tanto conduzimos essa análise a partir de uma experiência no Labcrítica /UFRJ em conversa com autores como Byung- Chul

Han (2021), Luiz Rufino (2021) e Jaquet (2011) para analisarmos o documentário *Nós, professores de Dança(2019)* apresentado no Congresso ANDA 2020.

**PALAVRAS-CHAVE:** Artistas docentes; Corpo; Ambiente.

### REORGANIZING SPACES, ACTING WITH PERSONAL HISTORIES: BODIES IN THEIR DISCURSIVE AND CO-DEPENDENT REALITIES

**ABSTRACT:** The objective of this article is to present how realities and contexts do not differ even when geographically separated, impregnated with daily information and fascinated by contemporary immediacy. In the same way, in our reality as teaching artists, we end up becoming co-responsible in the face of this fetishism of wanting to be efficient as professionals in this area of knowledge, thus we become precarious, because body and environment are co-dependent. To this end, we conducted this analysis based on an experience at Labcrítica /UFRJ in conversation with authors such as Byung-Chul Han (2021), Luiz Rufino (2021) and Jaquet (2011) to analyze the documentary *We, Dance Teachers (2019)* presented at the ANDA 2020 Congress.

**KEYWORDS:** Teaching artists; Body; Environment.

## APRESENTAÇÃO

Cada vez mais reverberações do que passamos durante dois anos de crise sanitária, ressoam em algumas lembranças, enquanto corpo. Na verdade, não se trata de responder o que pode o corpo, pois a sensação de correr atrás do tempo parece fazer parte de nosso dia a dia contemporâneo. Ou como cita Han (2021), vivemos numa produção desenfreada nos modos de operar que a rapidez se tornou marca de eficiência.

Ainda nesse prognóstico de um fascínio pela instantaneidade, abdicamos em alguns momentos de tempo, porém corpos precisam desse espaço temporal para ensinar, aprender e transformar. A precariedade parece ter se tornado a palavra de ordem quando se fale em ensino de arte no Brasil, principalmente nos tempos atuais. Não é somente do ponto de vista de resistência que pode o corpo, mas de como os discursos podem ser exercidos a partir de ações em qualquer espaço que esteja, e como o uso desse espaço precisa atender minimamente às necessidades básicas, dentre elas a educação.

O exercício de uma prática docente a qual estamos nos propondo discutir objetiva ativar narrativas que possam ampliar perspectivas de vida, rompendo forças opressoras que estejam causando cegueira na maneira com que convivemos. De partida ensinar e aprender, aprender e ensinar requer um aprofundamento além de motivação e tempo. Podemos pensar quais ações possíveis nos contextos nos quais atuamos, principalmente em favelas, periferias e centros degradados. Precisamos refletir sobre o que queremos nesse ambiente e quais alternativas de convivência podem nos contemplar, pois corpo e ambiente são co-dependentes.

A questão trazida nesse artigo me acompanha desde quando atuei como professora numa escola da periferia de Salvador e ativei quando fui selecionada para participar do LabCrítica em 2020. O Laboratório de Crítica (LabCrítica) é um projeto de pesquisa e extensão, idealizado e coordenado pelo Prof. Dr. Sérgio Andrade, vinculado aos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Dança do Departamento de Arte Corporal (DAC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Criado em 2012, o LabCrítica se dedica ao estudo e ao exercício da crítica e das práticas de teorização em dança e performance. Uma experiência na qual nos proporcionou estar imersos em uma proposta de estudos diários sobre o tema, exercitando, dando visibilidade e explicitando questões não tão visíveis no nosso cotidiano.

Esse material foi publicado anteriormente no e-book da ANDA – Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança, no qual sou participante desde sua fundação, como proposta final do laboratório. Ou seja, da Imersão LabCrítica – Congresso ANDA 2020 a partir desse minicurso online, no acompanhamento das mostras artísticas do congresso, nos exercícios de escrita e debates entre os participantes; na leitura das publicações dos textos, no site do LabCrítica e das memórias das mostras. Atualizamos nosso exercício da crítica nas artes em relação à metodologia LabCrítica, aos desafios dramáticos lançados por uma obra e à conexão entre pensamento, materialidades e danças.

A importância ao retomar essa discussão em tempos plataformizados, é recorrente quando o assunto é sobre a valorização do ensino da dança nas escolas públicas, assim apresento esse artigo atualizando essa experiência que participamos e que diante da volatilidade das informações, se perdem nesse espaço. Sendo assim, acho pontual estarmos atentos e fortes, pois estamos nos apressando a viver a contemporaneidade, porém sem aprofundar nem complexificar o que de fato se faz urgente nesse momento – um pensamento crítico em produção de conhecimento, a partir de nosso direito civil de exercer nossa profissão de artista docente de forma decente.

## UM PASSO ADIANTE

No dia 18 de setembro, se encerrou a mostra artística virtual do VI Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA 2020. Nesse dia passamos uma hora, vinte minutos e cinquenta e seis segundos de olho na tela, sendo que antes já estávamos outras tantas horas de atividades do evento (ufa!!). Fomos dormir com os ecos da seguinte fala: *“para mim, é o que vale ser educador”*, uma frase que finaliza o documentário, integrante da pesquisa de doutorado intitulada, *“Nós, professoras de Dança (2019)”*, dirigido por Josiane Gisela Franken Corrêa, junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com orientação da Professora Dra. Vera Lúcia Bertoni dos Santos, último obra a ser apresentada naquela noite.

De fato, uma longa jornada de trocas, quedas de conexão e aprendizagem, um momento que já estávamos vivendo e se materializou em ação, um congresso de pesquisadores de dança online. Desde o título, **QUAIS DANÇAS ESTÃO POR-VIR? TRÂNSITOS, POÉTICAS E POLÍTICAS DO CORPO**, o evento sugere que façamos juntos nesse espaço passível de transformação. Imediatamente nos transportamos ao momento que estávamos atravessando com mortes diárias, confinamento, luto (que alguns infelizmente negam), e que somos artistas além de docentes e ainda quanto precisamos continuar nossas ações, especulando formas de agir. Mesmo nas telas há um tempo, nesse momento atuando de maneira híbrida, com aulas presencias e reuniões virtuais, nossos corpos parecem continuar em busca de acompanhar tudo, todos, habituando-se cognitivamente a esse jeito de viver. Como já fora citado, nos tornamos corpos agitados tomados pelo ritmo frenético e quase delirante de atender sempre a todos em qualquer lugar, uma situação que tem se normalizado principalmente após esses dois anos de COVID-19.

A noite foi de belas montagens, porém foi o documentário de Josiane Franken Corrêa, único naquela noite dedicado a pensar o profissional de dança, que nos mobilizou. Enquanto participante do Laboratório de Crítica, temos autonomia para escolher qual vídeo

---

1 Link: <https://www.youtube.com/watch?v=PD3XYQTsixA> Acesso em: 03.06.2024.

iremos tecer nossas considerações, pois seremos coresponsáveis pelas informações colocadas no mundo e assumindo total responsabilidade dada a essas escolhas. Diante daquelas imagens, já apontadas, é possível pensar mesmo em vídeo, corpo e espaço atuando em nós. Pensar dessa forma nos faz agir politicamente a partir da dimensão videográfica que o documentário nos oferece quando reivindica, resiste e persiste na sua condição pessoal/profissional.

Debruçamos sobre aquelas professoras e imagens, falando: *para mim o que vale ser educador*, com possibilidade de retomar a momentos que partilhamos enquanto professora da rede municipal no Alto de Santa Cruz. Salvador é distante geograficamente de Pelotas, lugar que fora feito o documentário, porém as questões apresentadas nas falas das professoras gaúchas Ana Paula Reis, Tainá Albuquerque, Roberta Campos, Taís Prestes e Jaciara Jorge nos possibilitaram um reencontro, ou não seria encontro (?), com a Escola Artur de Salles, na qual lecionei de 2007 a 2013. Um ambiente que atuamos, provocamos e fomos provocadas, muitas vezes questionadas sobre o que estávamos fazendo. Porém nos apropriamos daquele espaço, convivendo com situações extremas de violência, balas perdidas e assédios, com pessoas consideradas desprovidas de existência política, deslegitimada de suas ações pelo fato de estarem vivendo numa periferia. Talvez esse texto seja aparentemente sentimental, mas seria incompleto e errado se não fosse escrito a partir desse olhar.

*Nós, professoras de dança* nos arrebatou naquela noite. Esse *nós*, no qual nos incluímos, entendo como um afeto, produzindo reverberações, impressões, abraços, lembranças e expectativas em nosso corpo e agora em nossa casa, um lugar político, um espaço, limite, assim como a realidade que vivo e atuo como professora universitária. Por afeto, compreendemos as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é diminuída ou aumentada como nos ensinou Espinosa. Neste sentido, nos sentimos atravessadas por momentos alegres, ao nos (re)encontrar com esse documentário, aumentando nossa capacidade de refletir criticamente sobre nossa atuação docente na universidade. Ao assistir novamente a obra (precisei retornar ao registro da mostra na semana seguinte por desejo de me demorar mais um pouco com aquelas imagens e depoimentos, e agora nessa escrita, mas sabemos que isso não é nada usual estar nesse “tempo prolongado”), vejo quão fortes e insistentes somos nós artistas da dança e docentes. As professoras em cena/tela ativam sensações com as falas pessoais, nas emoções que desabafam, nas ações e desafios diários para suprimir um mundo no qual poderes desagradáveis insistem em nos aterrorizar, tentando nos tornar ainda mais submissos.

Arrebatadas pelo documentário retorno à Escola Municipal Artur de Salles para imaginar nosso espaço de aula e assim convocar outros pensamentos e materializar o chão da escola que ensinei durante 6 anos. Foram muitas ações, projetos, discussões, embates, reformulações, conversas e realizações, naqueles anos, porém mesmo entendendo que existem corpos diversos e que precisavam de tempo para apara refletir sobre o que estava sendo feito, revisitando movimentos, explorando e aprofundando experiências hoje, eu digo: ocupamos aquele espaço.

*Olhar para trás após uma longa caminhada  
pode fazer perder a noção da distância  
que percorremos, mas se nos detivermos  
em nossa imagem, quando a iniciamos  
e ao término, certamente nos lembraremos  
o quanto nos custou chegar até o ponto final,  
e hoje temos a impressão de que tudo  
começou ontem. Não somos os mesmos,  
mas sabemos mais uns dos outros.  
E é por esse motivo que dizer adeus se torna  
complicado! Digamos então que nada se  
perderá.  
Pelo menos dentro da gente(...)*  
(ROSA, 2001, p.26).

Retornando ao documentário, vemos no depoimento tranquilo da professora Tainá, sentada e falando pausadamente de suas ações, sua prática em sala de aula. Uma sala toda enfeitada e colorida, dando voz aos alunos nos desenhos colados na parede, tendo uma frase que se destaca: “O poder do crespo e o empoderamento”. Com essa imagem ela descreve seu dia a dia, sua rotina, sua maneira de trabalhar e seu propósito enquanto professora, ou seja, um desdobrar-se em si mesma fazendo disso sua luta diária. O desabafo de Tainá nos convoca a estar juntas(os) quando declara que trabalha mesmo com salários atrasados, na precariedade. Infelizmente, isso não é novidade. Os poderes que querem nos escravizar, segue diminuindo nossa potência de operar a todo custo. No documentário, a voz de Tainá se faz em luta pela qualidade da educação, quando apresenta seu reconhecimento pela comunidade aonde trabalha.

Declarações, experimentos, experiências que tomam corpo e fazem da escola um lugar de tornar-ser, transformar-ser, poetizar-ser, ou simplesmente denotam resistência que interseccionam particularidades, pensamentos, sonhos, desejos, imagens em mistura de “vontades” de sensações e de mudanças. A frase novamente aparece e ecoa em nosso corpo: *para mim, é o que vale ser educador*. Ela se materializa agora na voz da professora Ana Paula sobre o desafio inicial de uma prática docente, na continuação relata o pouco entendimento sobre o ensino de dança pela equipe gestora da escola, minimizando a importância de estudar dança nesse contexto.

Já Taís, outra professora questionadora, reflete o tempo todo sobre seu fazer prático, se cobrando constantemente, (e quem de *nós, professoras de dança*, não faz isso diariamente?). Ela ainda sinaliza que, ao chegar a escola para trabalhar, se interrogou sobre o ser/fazer professora e nesse percurso entendeu que nada pode ser feito sem

acordos, sem diálogos, principalmente na relação entre ela e os alunos, ratificando a importância de revermos constantemente nossa prática de ensino, ou como cita Rufino (2021), descolonizar é um ato educativo.

Em outro momento, o “desconhecido” e o “não visto”, além da escuta tomam a cena. Os espaços a serem adentrados, que tem uma rotina a ser seguida e que normalizam o lugar “escola” tomam força e fazem a voz da professora Jaciara reagir. Ela nos conta emocionada sua experiência na EJA (Educação de Jovens e Adultos), com alunos de idade diversa, na maioria adultos, que veem no estudo uma possibilidade de inserção no mercado de trabalho, como professor(a) ou em outras áreas. Com ela, pensamos em Paulo Freire (1996) que segue falando que devemos lutar pelos nossos direitos e com o objetivo de viver e fazer os outros viverem dignamente.

Estamos de fato incentivados pela voz da professora e contaminados ao visualizar uma perspectiva transformadora aliada a problematizadora quando nos aproximamos das várias realidades existentes, pois precisamos estar próximos e assim conhecer sobre as necessidades, desejos e planos de cada estudante em relação aos modos de existir, um tema que venho me debruçando para pensar corpo, coreografia e processos de criação. Buscamos com isso criar sentidos e gerar corpos que operam a partir de seu contexto, ativando força e criticidade, ou problematizações.

O exercício de problematizar pode ser visto em todo documentário, relatado pelas professoras. Todas em seus espaços abriram para levantar questões, perguntas, testagens, fazer experiências ou como Freire(1996) nos atualiza, a educação tem potencial criativo e transformador, nasce da curiosidade pelo conhecimento. Tudo isso implicado nas histórias discursivas e trajetórias pessoais.

Ficamos surpreendidas ao escutar seu relato sobre alguns alunos após uma rotina diária de trabalho na rua. Aqueles que antes achavam “arte desnecessária”, agora, depois da dedicação da professora Jaciara reconhecem arte em todos os lugares, com a Pietá de Michelangelo, ou como eles falaram, e nos conta a professora “a dor de uma mãe segurando seu filho”, depois de identificarem alguma semelhança com uma cena de novela na televisão, ela se emociona, [nós também].

Após esse relato dialogo com Rufino (2021), que nos parabeniza com a excelente reflexão sobre colonização. Ele nos conta sobre, o que marca as dimensões múltiplas da guerra colonial se faz com o ataque ao corpo, ou seja não podemos deixar de avançar na problematização da penetração das suas formas de violência nas camadas que nos compõe, imediatamente retornamos a lembrança da fala da professora Jaciara.

A professora Roberta comenta sobre os desafios de ensinar como o sempre “estar aberta a aprender”. Por isso ela foi fazer sua pesquisa em Salvador, buscando outros movimentos de dança, além de encontros com a ancestralidade. Com Roberta, vemos os frutos de uma investigação contínua no corpo de quem quer aprender para ensinar dança e tem na curiosidade e na pesquisa sua fonte primeira e, assim, com esse diferenciado,

construído e constituído dessa experiência, tenta romper com a massificação do ensino de dança nas escolas.

Observamos nas vozes dessas professoras, arautos de um momento emergente, que é buscar outros caminhos, ocupar, agir, estar em conexão, e estarmos junto no mundo. Imagino o que Guimarães Rosa (1962) nos proporciona e traz, em seus escritos sobre a necessidade de viver as águas, ora calmas, ora violentas de um rio, e assim se chegar ao lugar.

Assistindo a *Nós, professoras de dança* nos sentimos absolutamente contempladas por todas as falas ali presentes, impossíveis nos colocarmos no lugar do outro, mas podemos nos deslocar sim, ou seja, uma possível ecologia de corpo no qual, enquanto seres vivos buscamos deslocar para permanecer (ALBUQUERQUE, 2016). Observamos e percebemos que a prática docente nos faz aprender a lidar com as intempéries da vida, nos amolece (em alguns momentos eu percebi a voz embargada nos depoimentos) e nos fortalece, paradoxalmente falando. Agora mais do que nunca, neste momento que atravessamos, continuamos entre medos e tensões, mas ainda nos perguntando, sobre o que está por vir: afinal, *quais danças estão por vir?* Agora mais do que nunca continuemos em luta contra aqueles que tramam contra os corpos vivos.

O professor é esse sementeiro, aquele que planta, que colhe e que alimenta o belo em cada aluno, quer seja no EJA, nos ensinamentos fundamentais ou médios e na universidade, em trocas constantes entre professor e aluno, aluno e professor. Talvez isso nos faça ensinar/aprender/escutar/enfrentar/modificar e viver, estagnar jamais. E sobre quais danças estão por vir, respondemos: já estão aqui, nas casas, com ou sem chão plenamente “adequado”, por vezes até sem teto e, ainda, nas telas e/ou nos espaços abertos, agora nas ruas, nos jardins e campos, e nesse retorno nas salas de aula presenciais.

*Tempo Rei* (1984), música de Gilberto Gil que faz parte da trilha sonora do documentário, performa com os depoimentos, interage com os corpos das professoras e em alguns momentos conosco diante da tela. Gil canta: “(...) tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei transformai as velhas formas do viver...”, e nessa tonalidade, os depoimentos se organizam como tentativa de aproximação aos corpos dos alunos e na continuação ao reconhecimento de um processo, mais do que o produto final. Atenemos que não é somente ensinar, mas acompanhar e participar com cada aluno, sobre temas exercitando o ensino que se atualiza constantemente.

A arte nos aproxima, enquanto seres vivos, de questões que nos atravessam cotidianamente. E como lidar e falar de tantas outras realidades que nos circundam? Seguiremos nos perguntando, nos deslocando. Por ora, precisamos passar a palavra/ocupação a Amanda Gurgel, rememorando seu depoimento durante audiência pública sobre educação na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, em maio de 2011. Na época, sua imagem foi amplamente difundida nas redes sociais e subitamente desapareceu, como tudo que se faz presente nesse movimento da fugacidade e imediatez.

(...) Diga-se de passagem, nós não temos recurso para nos alimentar diariamente fora de casa, não temos pra isso. São muitas questões mais complexas, questões muito complexas que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam três ônibus pra chegarem ao seu local de trabalho, em nome de Jéssica que está sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos: por falta de professor, por falta de merenda... É isso que eu quero dizer (GURGEL, 2011).

Assim como trouxemos esse documentário para juntos cultivarmos continuamente atos poéticos e políticos numa escrita, também rememoramos o discurso dessa professora para romper com o modelo espectral de comunicação (BASTOS, 2010), que se caracteriza por picos de transmissão e desaparecimento nas redes digitais. É preciso relembrar a todos e todas dessa colocação importante de tantos anos atrás, que agora nos reportam imediatamente a esse documentário. As palavras de Amanda Gurgel ecoaram (e continuam ecoando) ao longo de todo documentário em conversa com a autora Josiane Franken Corrêa.

## CONSIDERAÇÕES EM CURSO

Enquanto artistas e docentes, acreditamos que as práticas de ensino/educação se tornam efetivas quando se fazem afetivas, transversais e dialógicas. Essas práticas são potentes somente quando buscam romper com toda tentativa de transformar as relações entre professoras/es e alunas/os em meros atores de um processo de docilização que ambienta toda a estrutura disciplinar de uma escola formal. Nós também, assim com Amanda, comemos muito cuscuz alegado e, assim como todas as professoras do documentário *Nós, professoras de dança* sabemos o quanto precisamos adentrar nas escolas, rompendo favoritismos quanto sobre o que podemos ou não fazerna prática docente.

A prática de uma educação como ação responsável, atua diretamente em agir com liberdade de expressão em defesa da dignidade existencial e na busca a lutar pela igualdade e não violência. Como profissional e na tentativa em romper com quaisquer que sejam os objetivos que os impeça de agir, na tentativa de se tornar outros, nosso pacto se organiza enquanto educadores como um exercício amoroso, que sente e vibra com estudos em coletivo, partilhas, colaborações que envolvem pessoas e que lutam em atos que expressam indignidade frente a um sistema que nos precariza diariamente.

Confirmando com isso que a proposta no qual emerge o que entendemos como educação, se configura com um fenômeno dialógico e descolonizador, pois é impossível co-relacionar educação e colonização. Desse modo a luta continua, rompendo o modelo que persegue aos dias atuais que implica numa catequese/modulação aos corpos na lógica da subordinação e da opressão, como tentativa de dominação.



## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Iara Cerqueira Linhares de. **Deslocar para permanecer**: implicações políticas das redes digitais nos processos criativos colaborativos. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2016.

BASTOS, M.T.A. **Spectral**: sentido e comunicação digital. 2010. TESE (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São paulo: Paz e Terra, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**. Ensaios e entrevistas. 1.ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente**: afetos, ações e paixões em Espinosa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. 1Ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. 19 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p.26.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias**, 37 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1962.

GURGEL, Amanda. Discurso escrito, 2011. Disponível em: <https://cantinodaweb.com/variedades/discurso-professora-amanda-gurgel-por-escrito/>. Acesso em 02 abril. 2024.